

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

KRISHNA GUIMARÃES DE CASTRO E SILVA

**MUDANÇAS NO PAPEL DO NUTRICIONISTA: DA PROMOÇÃO DA SAÚDE À
PROMOÇÃO DO CONSUMO**

VOLTA REDONDA - RJ

2019

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MUDANÇAS NO PAPEL DO NUTRICIONISTA: DA PROMOÇÃO DA SAÚDE À
PROMOÇÃO DO CONSUMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Nutrição do UniFOA,
como requisito à obtenção do título
de Bacharel em Nutrição.

Acadêmica: Krishna Guimarães de Castro e Silva

Orientador: Prof. Dr. Alden dos Santos Neves

VOLTA REDONDA - RJ

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

S586m Silva, Krishna Guimarães de Castro e

Mudanças no papel do nutricionista: da promoção da saúde à promoção do consumo. /
Krishna Guimarães de Castro e Silva. – Volta Redonda: UniFOA, 2019.

28 p. II.

Orientador (a): Alden dos Santos Neves

Monografia (TCC) – UniFOA / Curso de Nutrição, 2019

1. Nutrição - TCC. 2. Conflito de interesses - nutricionistas. 3. Indústria de alimentos.
I. Neves, Alden dos Santos. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD 613

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado:
**MUDANÇAS NO PAPEL DO NUTRICIONISTA: DA PROMOÇÃO DA SAÚDE À
PROMOÇÃO DO CONSUMO**

Elaborado por Krishna Guimarães de Castro e Silva, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Nutrição.

Aprovada em 17 de outubro de 2019

Banca Avaliadora:



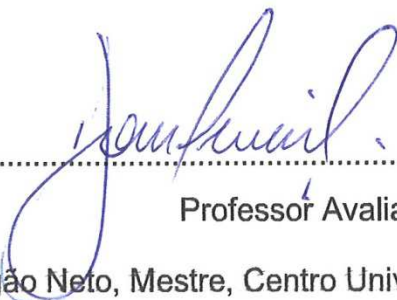
Professor Orientador

Alden dos Santos Neves, Doutor, Centro Universitário de Volta Redonda



Professora Avaliadora

Ana Paula Caetano de Menezes, Mestre, Centro Universitário de Volta Redonda



Professor Avaliador

Dario Aragão Neto, Mestre, Centro Universitário de Volta Redonda

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Andréa e a meu irmão André pelo apoio incondicional sempre!

À minha filha Marina Guião por toda sensibilidade, acolhimento e compreensão com as minhas ausências.

Ao Roberto Guião Junior pelo apoio e companhia nessa jornada.

A Roberto Guião, Carmen e Madalena por terem tornado possível tudo isso.

Lívia Motti, que com sua paciência e olhar generoso, me ouvia e dava os melhores conselhos.

Ao Alden pela orientação, por toda paciência e pela enorme generosidade em doar seu tempo, já tão escasso, para contribuir não só para minha formação como nutricionista, mas como cidadã, me fazendo ter um outro olhar para a vida.

À Margareth Saron, pela confiança e dedicação a todos os detalhes.

À Luciana Cruz, José Eduardo Morgado e Elton Bicalho que, mesmo sem saber das minhas dificuldades, ofereceram ajuda e palavras generosas que me fizeram ter certeza que temos mais amigos do que imaginamos.

“Ninguém muda ninguém; ninguém muda sozinho; nós mudamos nos encontros.”

Roberto Crema

RESUMO

No Brasil, obesidade e desnutrição coexistem e atingem níveis alarmantes devido a falhas nos sistemas alimentares que têm como principal responsável o oligopólio formado por grandes corporações transnacionais de alimentos que, com a intenção de aumentar seus lucros, procuram expandir sua atuação através da influência em diversos integrantes da sociedade, dentre eles, os nutricionistas. Estudos mostram que há estreita relação entre a abertura dos mercados na década de 80 e o aumento de produtos ultraprocessados na dieta do brasileiro, sendo responsáveis pelo aumento exponencial dos problemas nutricionais supracitados. O problema não é apenas nutricional, mas também político, econômico e social, pois essas corporações, além de causarem a deterioração dos sistemas alimentares, comprometendo a cultura, as relações sociais e econômicas de uma nação, afetam políticas públicas e a soberania do país. Essas indústrias começam se posicionando junto aos consumidores, fornecedores e concorrentes e, aos poucos, vão expandindo sua atuação, influenciando outros atores, como entidades de classe, profissionais da área e até governos, criando uma teia de influência a fim de expandir seu alcance, poder e lucro. Para isso, utilizam várias estratégias, criando assim, conflitos de interesse na área de alimentação e nutrição que podem não só comprometer a atuação do profissional nutricionista, como a saúde da população. Esse estudo de revisão bibliográfica teve como objetivo analisar as práticas das indústrias de alimentos junto aos nutricionistas e como os conflitos de interesses podem ser deletérios para a Saúde Pública.

Palavras-chave: conflito de interesses; nutricionistas; indústria de alimentos.

ABSTRACT

In Brazil, obesity and malnutrition coexist and reach alarming levels due to failures in the food systems that have as their main responsible the oligopoly formed by “Big Food” corporations that, with the intention of increasing their profits, seek to expand their influence through several members of the society, including nutritionists. Studies show that there is a close relationship between the opening of markets in the 80's and the increase of ultra-processed products in the Brazilian diet, being responsible for the exponential increase of the aforementioned nutritional problems. The problem is not only nutritional but also political, economic and social, as these corporations, in addition to causing the deterioration of food systems, compromising the culture, social and economic relations of a nation, affect public policies and the sovereignty of the country. These industries begin to position themselves with consumers, suppliers and competitors, and gradually they expand their activities, influencing other players, such as class entities, professionals and even governments, creating a web of influence to expand their reach, power and profit. For this, they use various strategies, thus creating conflicts of interest in the area of food and nutrition that may not only compromise the performance of the professional nutritionist, but also the health of the population. This literature review study aimed to analyze the practices of the food industry with nutritionists and how conflicts of interest may be deleterious for Public Health.

Keywords: conflict of interests; nutritionists; food industry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SISTEMAS ALIMENTARES.....	11
TRANSIÇÃO NUTRICIONAL.....	14
ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DA INDÚSTRIA JUNTO À POPULAÇÃO.....	15
ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DA INDÚSTRIA JUNTO AOS NUTRICIONISTAS.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

Cerca de 820 milhões de pessoas no mundo passam fome, mais de 2 bilhões de pessoas não têm acesso regular a alimentos inócuos, nutritivos e suficientes, enquanto 672 milhões de adultos estão obesos e cerca de 2 bilhões de pessoas têm sobrepeso.¹ Essa coexistência de insegurança alimentar e sobrepeso pode parecer um paradoxo, porém refletem duas facetas da desnutrição.² No Brasil, as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) são responsáveis por 72% das causas de mortes,³ a obesidade afeta 19,8% da população e 55,7% dos brasileiros têm excesso de peso, atingindo, principalmente, os grupos mais vulneráveis.⁴

Já existem evidências, de que os alimentos ultraprocessados contribuem para esse quadro, pois contêm grandes quantidades de sal, açúcar e gordura, ingredientes altamente palatáveis,⁵ que acarretam alterações nos mecanismos de controle do apetite.⁶ Além disso, são de baixo custo, o que favorece sua produção, porém apresentam baixa qualidade nutricional.⁷ Eles são formulados e embalados para ter uma vida útil longa e eliminar a necessidade de preparação culinária; podem ser consumidos em qualquer lugar e, muitas vezes, dispensam a necessidade de mesas e acomodações, o que afeta as tradições alimentares e os padrões dietéticos do brasileiro, contribuindo como potencial fator de risco para as DCNTs.² Os dados da última Pesquisa de Orçamento Familiar mostram a alta disponibilidade de alimentos ultraprocessados na mesa do brasileiro nas últimas décadas.⁸

O objetivo deste trabalho foi analisar como a indústria de alimentos influencia a prática dos nutricionistas, quais os possíveis impactos nos sistemas alimentares e, conseqüentemente, na saúde da população.

SISTEMAS ALIMENTARES

Um sistema alimentar engloba todos os elementos (pessoas, ambiente, processos, insumos, instituições, infraestruturas, etc.) e atividades relacionadas à produção, processamento, distribuição, preparação e consumo de alimentos que vão influenciar no estado nutricional e na saúde das populações além dos impactos socioeconômicos e ambientais na sociedade como um todo.⁹

No Brasil, os sistemas alimentares estão mudando rapidamente por influência de grandes multinacionais que detêm grande fatia do mercado de alimentos industrializados. Os padrões alimentares tradicionais dos brasileiros estão sendo substituídos por produtos processados produzidos e distribuídos pelas grandes corporações. Três quartos das vendas mundiais de alimentos envolvem alimentos processados, para os quais os maiores fabricantes detêm mais de um terço do mercado global. O sistema alimentar mundial não é um mercado competitivo de pequenos produtores, mas um oligopólio. O que as pessoas comem é cada vez mais impulsionado por algumas empresas multinacionais de alimentos.¹⁰ Essa mudança, dentre outros fatores, contribui para o aumento da incidência de obesidade e DCNTs, além de prejudicar a saúde pública, afetando as tradições, a cultura, as economias locais e a identidade nacional.²

Em países desenvolvidos, os padrões alimentares já são predominantemente compostos por alimentos industrializados, representando cerca de 60% das calorias ingeridas. O ponto de saturação de mercado é alcançado quando produtos ultraprocessados fornecem cerca de 60% do total de calorias, como tem sido o caso do Reino Unido, do Canadá e dos EUA nas duas últimas décadas. Não tendo portanto, para onde crescer, as corporações estão migrando para países da África, Ásia e América Latina. No Brasil, o consumo de produtos

ultraprocessados já subiu de menos de 20% das calorias na década de 1980 para 28%. Esse valor ainda está bem abaixo dos 60% encontrados nos países desenvolvidos,² o que tem estimulado essas indústrias a buscar a expansão do seu mercado nos países em desenvolvimento. Sua rápida entrada nos mercados de países de baixa e média renda é resultado de campanhas de marketing em massa e investimento estrangeiro, principalmente por meio de aquisições de empresas domésticas de alimentos¹¹.

No Brasil, ainda está preservado o hábito das pessoas de preparar a comida em casa e fazer as refeições com a família, mas a presença de alimentos ricos em sal, açúcar e gordura na mesa dos brasileiros vem aumentando rapidamente desde a década de 80 devido à globalização, a privatização, a desregulamentação dos sistemas e abertura dos mercados ao capital estrangeiro. O aumento do consumo de alimentos ultraprocessados pode levar à mudança dos padrões alimentares tradicionais, além do fato de possuírem características que são potenciais fatores de risco para sobrepeso, obesidade, dentre outras DCNTs, o que pode comprometer a saúde da população.² Alguns estudos populacionais realizados no Brasil indicam forte relação do consumo de ultraprocessados com obesidade e síndrome metabólica.^{12,13,14} Em 2014, foi criado o Guia Alimentar para a população Brasileira que classifica os alimentos, de acordo com o nível de processamento, em alimentos *in natura*, ingredientes culinários, alimentos processados e alimentos ultraprocessados, além de fazer recomendações para uma alimentação saudável.¹⁴

Na tentativa de conquistar a opinião pública, as indústrias de alimentos utilizam determinadas estratégias para aumentar o consumo de seus produtos, o que afeta os padrões alimentares tradicionais. A cultura alimentar da família e da comunidade é prejudicada; produtores locais, distribuidores e fornecedores de

alimentos perdem seus negócios; relações sociais se deterioram, as identidades regional e nacional ficam descaracterizadas.² Em suma, os sistemas alimentares globais não são direcionados para prover alimentação adequada às populações, e sim para maximizar os lucros das grandes empresas de alimentos. Para as pessoas que vivem na pobreza, isso significa exclusão do desenvolvimento e consequente insegurança alimentar, ou ingestão de alimentos altamente processados, de baixo custo, carentes de nutrientes e ricos em açúcar, sal e gorduras, contribuindo para maior incidência de sobrepeso e obesidade.¹⁵

Para entender quem é o principal responsável por essas falhas nos sistemas alimentares, é preciso saber quem domina esses sistemas. Em geral, são as multinacionais de alimentos e bebidas com poder de mercado enorme e concentrado que exercem influência em vários setores da sociedade.¹⁶

TRANSIÇÃO NUTRICIONAL

A transição nutricional, ocorrida nos últimos 50 anos, caracterizada por declínio da prevalência de desnutrição e aumento da incidência de sobrepeso/obesidade, associada à transição demográfica (66% da população era rural e passou a ser urbana, com mais de 80% das pessoas nas cidades),¹⁷ trouxe um novo quadro em termos de morbimortalidade para a maioria das regiões do globo, impactando seriamente a saúde da população brasileira. As taxas de obesidade no Brasil foram baixas até o final da década de 1970¹⁸ quando, dentre inúmeros outros fatores, houve aumento na aquisição, distribuição e abastecimento de alimentos industrializados devido às políticas econômicas que favoreceram o fluxo do capital internacional e a entrada das transnacionais nos mercados internos.⁶ Existem evidências que as grandes indústrias de alimentos são a principal razão pela qual a “transição nutricional” de dietas simples e tradicionais para alimentos altamente processados está se acelerando.^{17,18,19} As transnacionais de alimentos, tendo como objetivo apenas obtenção de lucro, interferem nos modos de produção, distribuição, preparo e consumo dos alimentos, o que contribui não só para o aumento de problemas nutricionais, como também para um aumento na desigualdade social, pois a comercialização desses alimentos é feita por grandes grupos econômicos que monopolizam o mercado, prejudicando pequenos produtores locais.²⁰

ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DA INDÚSTRIA JUNTO À POPULAÇÃO

A indústria alimentícia contribui para a determinação do estilo de vida ocidental, investindo fortemente no marketing para aumentar o consumo de produtos de alto teor calórico que, embora sejam alimentos potencialmente causadores de obesidade, suas propagandas são sempre associadas à beleza e saúde.²¹

Dentre as várias estratégias utilizadas pelas indústrias de alimentos para aumentar a venda de seus produtos² estão as propagandas na televisão e nas redes sociais, influenciando as escolhas alimentares da população, o que dificulta a adoção de hábitos saudáveis e contribui para a formação de um ambiente obesogênico.²²

No desenvolvimento das campanhas de marketing, as estratégias de venda são baseadas em técnicas que incorporam os mais recentes conhecimentos de psicologia comportamental, capazes de explorar crenças, desejos e ilusões, prejudicando as decisões racionais.⁶ A indústria dá aos produtos representações sociais, sendo associado a um produto caseiro, consumido em companhia de outras pessoas, em festas ou eventos em família, levando em consideração aspectos sociais e culturais das práticas alimentares o que aumenta o prazer proporcionado pela alimentação.²³

A atuação da indústria alimentícia é frequentemente questionada por profissionais de saúde pública, imprensa e legisladores, criando potenciais entraves a seus negócios. Na defensiva, à semelhança da indústria do cigarro e farmacêutica, elas usam táticas para criar uma imagem positiva a seu respeito: além das maciças ações de marketing, estreitam o relacionamento com o governo e as organizações,

financiam pesquisadores e manipulam a ciência, plantando dúvidas, criando controvérsias e conflitos de interesses.¹⁶

As principais ações das indústrias em geral para criar dúvidas e controvérsias a respeito de alimentação e nutrição, a fim de ganhar tempo contra uma possível regulamentação por parte dos governos e continuar ganhando mercado são as seguintes: alegar que uma intervenção por parte do governo limitaria a liberdade individual, afirmar que a responsabilidade do consumo de uma dieta pouco saudável é pessoal, criticar os estudos que prejudicam a indústria, enfatizar que a atividade física é mais importante que a dieta, afirmar que não há alimentos bons ou ruins, portanto, nenhum alimento precisa ser consumido com moderação, fazer marketing pesado de produtos “mais seguros” ou “mais saudáveis” e sempre plantar dúvidas quando surgirem preocupações com o setor.¹⁶

Assim, a fim de conseguirem aumento das vendas de seus produtos, criam fórmulas extremamente palatáveis (estudam o ponto de saturação do paladar, para conseguir produtos irresistíveis), fazendo com que o mecanismo de fome e saciedade fique prejudicado, o que faz com que as pessoas comam cada vez mais.²⁴

A corrente contrária a esses argumentos alega que o processamento mínimo de alimentos pode manter e até mesmo melhorar a qualidade nutricional, entretanto, na prática, ele é feito para aumentar a palatabilidade e a vida de prateleira, o que reduz a qualidade nutricional. Os alimentos industrializados não são imprescindíveis para a alimentação humana, mas poucos indivíduos são capazes de resistir aos produtos devido à sua alta palatabilidade, baixo custo e às imagens positivas, associadas à saúde, reforçadas pelas campanhas de marketing. Além disso, há

constantemente reformulação dos produtos por cientistas e especialistas em nutrição, tendo como único objetivo aumentar o mercado consumidor.²⁵

ESTRATÉGIAS DA INDÚSTRIA JUNTO AOS NUTRICIONISTAS

As empresas não atuam somente no consumidor final de seus produtos, elas ampliam sua esfera de atuação intervindo de forma direta ou indireta, por intermédio de fundações, entidades de pesquisa ou filantrópicas ou em qualquer setor que possua potencial para expandir seu mercado consumidor, seja junto aos profissionais da área ou junto ao governo para intervir no impedimento ou protelação das soluções focadas nas causas estruturais, mantidas pelas corporações transnacionais.²⁶

A associação da imagem de profissionais da saúde com a indústria sugere endosso dos produtos, atribuindo emoção positiva e aumentando a probabilidade de fidelização dos consumidores, refletindo diretamente no aumento das vendas.²⁷

Prática comum para aumentar a venda de alimentos industrializados é a estratégia da indústria de financiar pesquisas, atividades acadêmicas e eventos científicos, com distribuição de brindes e patrocínio de profissionais da área em simpósios satélites a fim de estreitar relações com estes atores e aumentar sua influência.²⁷ Além do envolvimento financeiro, a indústria de alimentos também oferece viagens e refeições em restaurantes caros, configurando situações de evidente conflito de interesses.²⁸

Desde os primórdios da pesquisa mostrando os efeitos nocivos do tabaco na saúde, a indústria pagou cientistas renomados para conduzir estudos e atuar como consultores com a intenção de combater as evidências científicas de que fumar era

prejudicial à saúde. Esta prática continua até hoje com a indústria farmacêutica e alimentícia, podendo ser uma estratégia eficiente para comprar lealdade, incutir dúvidas na opinião pública e impedir ações do governo.¹⁶

Há evidências de que os estudos patrocinados pela indústria alimentícia são, em sua maioria, favoráveis aos interesses do patrocinador, seja pela distorção dos resultados ou apenas não publicando resultados desfavoráveis,²⁹ porém os pesquisadores que recebem o financiamento não reconhecem isso e até negam a influência que sofrem, acreditando que são imunes à influência do patrocínio.³⁰

Já existe ampla documentação acadêmica com relação à divulgação de artigos científicos patrocinados, mostrando que essas publicações apresentam desfechos favoráveis, de quatro a oito vezes mais, quando comparadas aos artigos não financiados pela indústria.³¹ Para ilustrar como a influência do financiamento sobre os resultados dos estudos é grande, Nestle (2015), identificou, entre março e outubro de 2015, 76 estudos financiados pela indústria alimentícia. Em 70 artigos, os resultados foram favoráveis ao interesse do patrocinador, ou seja, encontraram benefícios à saúde ou ausência de prejuízos ao consumir os alimentos investigados, resultados que podem ser úteis para desviar as críticas direcionadas à uma empresa ou até mesmo promover seus produtos.³²

As formas utilizadas para se obter o resultado desejado, consciente ou inconscientemente, são: manipular o desenho do estudo, direcionando as questões para obter o resultado desejado; influenciar o tratamento estatístico e excluir resultados não favoráveis. Isso serve para confundir a opinião pública, gerando dúvida e insegurança com relação à ciência,³³ enquanto a indústria pode alegar que, ao financiar pesquisas, está buscando a “verdade” sobre os riscos de seus produtos com o intuito de desviar as críticas às suas práticas de marketing.³⁴

Apesar da maioria dos periódicos exigir que os autores declarem quem financia sua pesquisa, a divulgação, por si só, não deixa claro para os leitores o quanto isso enviesará os resultados da pesquisa. Como está bem estabelecido em estudos experimentais e observacionais, os valores doados pelas empresas podem exercer grandes efeitos. Para quem recebe, esses efeitos são inconscientes e por não serem reconhecidos, é mais difícil a prevenção do conflito de interesses. Os pesquisadores alegam que há dificuldade em obter subsídios para seus projetos e, por isso, não conseguem trabalhar sem o financiamento da indústria, mas não percebem que o patrocínio da indústria alimentícia pode afetar seu trabalho e sua credibilidade.³⁵

Em relação à análise de dados, estudos mostram que pesquisadores, frequentemente, fazem determinadas solicitações aos consultores de bioestatística, tais como: fazer alteração de alguns registros para melhor apoiar a sua hipótese de pesquisa, não relatar a importância de dados faltantes que possam introduzir vieses nos resultados e ignorar suposições que mudariam os resultados de positivos para negativos.^{36,37,38}

Em pesquisas de epidemiologia nutricional, é possível obter resultados completamente opostos, de acordo com o tipo de análise multivariada que se faça³⁷ e quanto maiores os conflitos de interesses, sejam eles financeiros ou ideológicos, maior é a probabilidade do resultado publicado ser falso, pois há muita flexibilidade no uso de diferentes modelos analíticos, o que pode, facilmente, transformar resultados negativos em positivos. Além disso, em áreas de pesquisa de grande interesse, em que há muitas pessoas envolvidas, com grandes bases de dados e total liberdade de escolha das variáveis, hipóteses e métodos de análises, é grande a probabilidade de encontrar resultados opostos, muitas vezes, com os mesmos

dados analisados, pois diferentes investigadores escolhem diferentes métodos de análises estatísticas. A partir dos mesmos dados, pode-se chegar a resultados extremos e opostos, contudo, por causa do viés de publicação, em que resultados negativos (que não mostram associação) não são publicados, não há conhecimento dessa grande variedade de resultados.³⁸

Cientistas acreditam que sempre tomam decisões de forma racional, principalmente quando se trata de pesquisa científica, mas inúmeros experimentos em psicologia comportamental demonstram as limitações cognitivas da mente, levando o ser humano a tomar atitudes previsivelmente irracionais.³⁹ Essa evidência deveria ser levada em consideração por todos os profissionais envolvidos em quaisquer que sejam os eventos financiados pela indústria de alimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo uma época de alta prevalência de obesidade e doenças crônicas, além da co-existência de desnutrição em uma parcela considerável da população. Há vários indícios que uma das principais causas desse cenário é o alto consumo de alimentos ultraprocessados, favorecido pelo fluxo de capital internacional, assim como pelas campanhas de marketing e outras ações feitas pela indústria alimentícia junto aos profissionais de saúde. Mesmo que muitas ações para uma alimentação saudável já estejam sendo realizadas, as práticas devem ser voltadas para a promoção da saúde em todos os sentidos. É preciso que essa discussão seja cada vez mais pública para haver mais transparência e equidade.

Como os recursos para a pesquisa estão cada vez mais escassos, é possível aceitar financiamento das empresas sem que haja comprometimento da ciência. Os pesquisadores devem identificar e gerenciar (ou eliminar) os conflitos de interesse reais e aparentes que possam surgir dessa prática até que encontrem a melhor forma para lidar com o patrocínio da indústria alimentícia. Não há consenso em como aceitar o financiamento da indústria, mantendo a credibilidade dos profissionais, mas não há dúvidas de que é preciso denunciar, expor incoerências, questionar e desnaturalizar as ações da indústria.

Periódicos e revistas científicas também precisam ter maior rigor e seriedade na divulgação dos estudos, pois apesar da exigência de declaração dos conflitos de

interesse por parte do pesquisador, isso nem sempre é cumprido, sendo essa uma ferramenta importante para limitar a influência das corporações na saúde pública e na ciência.

O nutricionista, como ator principal desse cenário, precisa ser crítico com as informações que recebe, sejam elas via artigos científicos, cursos ou palestras ministradas por outros profissionais. Deve considerar que, como ser humano, as decisões não são sempre racionais, por isso, deve ficar vigilante quanto aos brindes, amostras e presentes que recebe em função da sua profissão.

Para os profissionais e a população, o Guia Alimentar para a População Brasileira, representa um bom manual de conduta sobre alimentação saudável, pois classifica os alimentos com base no grau de processamento e prioriza a escolha de alimentos in natura e minimamente processados, contribuindo para a formação de um olhar mais crítico em relação às informações veiculadas sobre alimentação.

Assim como a indústria do tabaco tinha um roteiro, a indústria alimentícia também segue estratégias muito semelhantes, em que enfatiza a responsabilidade pessoal nos problemas de saúde, financia cientistas para produzir pesquisas que geram dúvidas na população, critica a ciência, faz promessa de autorregulação, faz lobby para neutralizar a ação do governo, introduzindo produtos “mais saudáveis”, além de manipular as formulações para ficarem cada vez mais palatáveis. Como, atualmente, a obesidade é um problema global, não é possível permitir que a história se repita. Ações diretas e acertadas devem ser adotadas para expor e regulamentar os interesses dessas grandes corporações multinacionais de alimentos e bebidas, pois, caso contrário, teremos que conviver com epidemias de pobreza, fome e obesidade.

É importante a regulamentação das parcerias estabelecidas com indústrias de alimentos e bebidas para a garantia da saúde da população, porém as medidas que foram propostas até o momento não foram adotadas por haver grande conflito de interesses entre a indústria e setores do governo brasileiro.

De qualquer forma, todas as ações devem ser pensadas e realizadas levando em consideração princípios de justiça social, viabilidade econômica, respeito à cultura local e à sustentabilidade ambiental. A alimentação adequada e saudável advém de sistemas alimentares socialmente e ambientalmente sustentáveis que suprem as necessidades atuais da população sem comprometer as necessidades das gerações futuras, promovendo justiça social sem ameaçar os recursos naturais e a biodiversidade.

Que os profissionais fiquem atentos, pois muitos não percebem que estão promovendo o consumo e adoecendo seus pacientes, ao invés de promover saúde.

REFERÊNCIAS

1. FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2019. The State of Food Security and Nutrition in the World 2019. Safeguarding against economic slowdowns and downturns. Rome, FAO.
2. Monteiro CA, Cannon G. The Impact of Transnational “Big Food” Companies on the South: A View from Brazil. PLOS Medicine 2012; 9(7): e1001252.
3. Departamento de Análise de Situação de Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.
4. Vigitel Brasil 2018. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico 2018.
5. World Health Organization. WHO global strategy on diet, physical activity and health. Food and Nutrition Bulletin 2004; 25(3): 292-302.
6. World Health Organization. WHO. Ultra-processed food and drink products in Latin America: trends, impact on obesity, policy implications. Washington, D.C.: PAHO. Pan American Health Organization; 2015.

7. Monteiro CA, Levy RB, Claro RM, Castro IRR, Cannon G. A new classification of foods based on the extent and purpose of food processing. *Cadernos de Saúde Pública* 2010; 26: 2039–2049.
8. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: aquisição alimentar domiciliar per capita. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.
9. HLPE, 2014. Food losses and waste in the context of sustainable food systems. A report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security, Rome 2014. 116 p.
10. Alimentos e bebidas ultraprocessados na América Latina: tendências, efeito na obesidade e implicações para políticas públicas. Brasília, DF: OPAS; 2018.
11. Stuckler D, McKee M, Ebrahim S, Basu S. Manufacturing Epidemics: The Role of Global Producers in Increased Consumption of Unhealthy Commodities Including Processed Foods, Alcohol, and Tobacco. *PLoS Medicine* 2012. 9(6): 1-8.
12. Canella, DS et al. Ultra-processed food products and obesity in Brazilian households (2008-2009). *PLoS One* 2014. 9(3): e92752.
13. Tavares, LF et al. Relationship between ultra-processed foods and metabolic syndrome in adolescents from a Brazilian Family Doctor Program. *Public Health Nutrition* 2012. 15(1): 82-87.
14. Monteiro CA, Louzada MLC. Ultraprocessamento de alimentos e doenças crônicas não transmissíveis: implicações para políticas públicas. In: Nogueira RP, Santana JP, Rodrigues VA, Ramos ZVO, Observatório Internacional de Capacidades Humanas, Desenvolvimento e Políticas Públicas: Estudos e análises 2015. (Vol. 2, pp. 167-180). Brasília, DF: UnB/ObservaRH/Nesp - Fiocruz/Nethis.

15. Stuckler D, Nestle M. Big Food, Food Systems, and Global Health. *PLoS Medicine* 2012; 9(6): 1-4.
16. Brownell K, Warner KE. The perils of ignoring history: Big Tobacco played dirty and millions died. How similar is Big Food? *Milbank Quarterly* 2009; 87: 259–294.
17. Batista Filho M, Rissin A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. *Caderno de Saúde Pública* 2003; 19(1): S181-S191.
18. Monteiro CA, Mondini L, Souza ALM, Popkin BM. The nutrition transition in Brazil. *European Journal of Clinical Nutrition* 1995; 49(2): 105–113.
19. Gomes FS. Conflitos de interesse em alimentação e nutrição *Caderno de Saúde Pública* 2015; 31(10):2039-2046.
20. Caraivano S, Lopes RF, Sawaya AL, Domene SMA, Martins PA. Conflitos de interesses nas estratégias da indústria alimentícia para aumento do consumo de alimentos ultraprocessados e os efeitos sobre a saúde da população brasileira. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde* 2017; 12(2): 349-360.
21. Tardido AP, Falcão MC. O impacto da modernização na transição nutricional e obesidade. *Revista Brasileira de Nutrição Clínica* 2006; 21(2):117-24.
22. Vasconcellos AB, Goulart D, Gentil PC, Oliveira TP. A saúde pública e a regulamentação da publicidade de alimentos. Disponível em: <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/regulamentaPublicidadeAlimentos.pdf> acessado em 06/09/2019.
23. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia Alimentar para a População Brasileira. Brasília, 2014.
24. Wiist W. The corporate playbook, health, and democracy: The snack food and beverage industry's tactics in context. In: Stuckler D, Siegel, K, editors. Oxford: Oxford University Press, 2011.

25. Madi L, Rego RA. Communication in a scientific journal: Brasil Processed Food 2020: um projeto em defesa da industrialização de alimentos. *Brazilian Journal of Food Technology* 2015; 18(4): 337-9.
26. Freedhoff Y, Hébert PC. Partnerships between health organizations and the food industry risk derailing public health nutrition. *Canadian Medical Association Journal* 2011;183(3):291-2.
27. Henriques P, Dias PC, Burlandy L. A regulamentação da propaganda de alimentos no Brasil: convergências e conflitos de interesses. *Caderno de Saúde Pública* 2014;30(6):1219-28.
28. Pereira TN, Nascimento FA, Bandoni DH. Conflito de interesses na formação e prática do nutricionista: regulamentar é preciso. *Revista Ciência & Saúde Coletiva* 2015, 21(12), 3833-3844.
29. Nestle M. Food company sponsorship of nutrition research and professional activities: a conflict of interest? *Public Health Nutrition* 2001;4(05):1015-1022.
30. Ioannidis JPA. Why Most Published Research Findings Are False. *PLoS Medicine* 2005; 2(8): e124.
31. Nestle, M. Uma verdade indigesta. 1. Ed. São Paulo: Elefante; 2019.
32. Nestle, M. Corporate Funding of Food and Nutrition Research: Science or Marketing? *Journal of American Medicine Association* 2016; 176(1): 13-14.
33. Deangelis, CD. Conflict of interest and the public trust. *Journal of American Medicine Association* 2000; 284(17): 2237-2238.
34. Barnoya J, Nestle M. The food industry and conflicts of interest in nutrition research: A Latin American perspective. *Public Health Policy*, 2016; 37(4):552-559.
35. Lo B, Field MJ. Conflict of Interest in Medical Research, Education, and Practice. Washington, DC: National Academies Press; 2009.

36. Wang MQ, Yan AF, Katz RV. Researcher Requests for Inappropriate Analysis and Reporting: A U.S. Survey of Consulting Biostatisticians. *Annals Internal Medicine* 2018; 169:554–558.
37. Patel CJ, Burford B, Ioannidis JP. Assessment of vibration of effects due to model specification can demonstrate the instability of observational associations. *Journal of clinical epidemiology* 2015; 68(9):1046–1058.
38. Silberzahn R, Uhlmann EL, Martin DP, Anselmi P, Aust F, Awtrey E, Nosek, BA. Many Analysts, One Data Set: Making Transparent How Variations in Analytic Choices Affect Results. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science* 2018; 1(3): 337–356.
39. Ariely D. *Previsivelmente irracional*. 1ª Ed. São Paulo: Elsevier; 2008.